

ISEMINÁRIO INTERNACIONAL

EBAURBE

refúgios,
futuros habitáveis e
reinvenção das cidades

RUBENS DE ANDRADE
MICHELLE SALES
MÔNICA BAHIA SCHLEE
(ORG.)

PAISAGENS
HÍBRIDAS

S471 I Seminário Internacional EBAURBE: refúgios, futuros habitáveis e reinvenção de cidades/Rubens de Andrade, Michelle Sales e Mônica Bahia Schlee (Org.).-- Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022.
59 p.: il., 20 x 22 cm.
ISBN: 978-65-87833-59-0
Inclui bibliografia.

1 ARTE URBANA 2. ARTE MURAL 3. EBAURBE 4. ARTE CIDADEI. Título I. Andrade, RUBENS II. Sales, Michelle III. Schlee, Mônica Bahia IV. Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas V. EBA-MídiaLab VI. Escola de Belas Artes.

CDD: 700

CDU: 7

Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ

Centro de Letras e Artes | CLA

Escola de Belas Artes | EBA

Reitora

Profª. Drª. *Denise Pires de Carvalho*

Vice-Reitor

Prof. Dr. *Carlos Frederico Leão Rocha*

Decana do Centro de Letras e Artes

Profª. Drª. *Cristina Trajan*

Diretora da Escola de Belas Artes

Profª. Drª. *Madalena Grimaldi*

Vice-Diretor

Profª. Drª. *Larissa Cardoso Feres Elias*

Diretoria de Extensão da EBA

Profª. Drª. *Dalila dos Santos Cerqueira Pinto*



PAISAGENS
HÍBRIDAS



Escola de Belas Artes

Av. Horácio Macedo, 2151 – Faculdade de Letras

Térreo, Bloco D – Espaço EBA.

Cidade Universitária – Ilha do Fundão.

CEP: 21.941-901

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Paisagens Híbridas e aos autores. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do editor. Os artigos e imagens que compõem esta obra são de inteira responsabilidade dos autores.

PROJETO EDITORIAL

GRUPO DE PESQUISAS PAISAGENS HÍBRIDAS - EBA/UFRJ

EBA-MIDIALAB - EBA/UFRJ

Linha de Pesquisa *Domínios da paisagem: imagem e ideologia*

Revisão de Textos | *Michelle Sales*

Capa, Projeto gráfico | *Rubens de Andrade*

Ficha Catalográfica | *Nara Ferreira Oliveira*

Revisão dos originais | *Michelle Sales e Rubens de Andrade*

Imagens de abertura de Capítulos | *Rubens de Andrade*



PAISAGENS
HÍBRIDAS
EDITORA

www.atelierdencadernac.wixsite.com/pheditoraeatelier

editorapaisagenshibridas@gmail.com

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL

EBAURBE

**refúgios,
futuros habitáveis e
reinvenção das cidades**

RUBENS DE ANDRADE
MICHELLE SALES
MÔNICA BAHIA SCHLE
(Org.)

PAISAGENS
HÍBRIDAS

1ª Edição
Paisagens Híbridas
2022



ProLUGAR



CINC. CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO

on. INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA EM ORIENTAÇÃO

LABCOM COMUNICAÇÃO & ARTES

GRUPO TRAMA PROCOMUN



Centro UC Patrimônio Cultural



OUR WORLD HERITAGE

NEW APPROACHES
NOVAS ABORDAGENS



COORDERNADORES | SEMINÁRIO EBAURBE E DIÁLOGOS TRANSNACIONAIS

Prof. Dr. *Rubens de Andrade* | EBA/UFRJ

Prof^a. Dr^a. *Michelle Sales* | EBA/UFRJ

Prof^a. Dr^a. *Mônica Bahia Schlee* | PGPP-FAU/UFRJ

COMISSÃO CIÊNTÍFICA

Prof^a. Dr^a. *Ana Valarino* | FADU - URUGUAY

Prof^a. Dr^a. *Dalila dos Santos Cerqueira Pinto* | EBA/UFRJ

Prof. Dr. *Daniel Meirinho* | UFRN

Prof. Dr. *Fernando Gonçalves* | PPGCOM/UERJ

Prof^a. Dr^a. *Fernanda Gomes* | EBA/UFRJ

Prof. Dr. *Hugo Fortes* | ECA/USP

Prof. Dr. *Ivair Reinaldim* | EBA/UFRJ

Prof. Dr. *Lucas Peries* | UCC - CÓRDOBA-ARGENTINA

Prof^a. Dr^a. *Marcia Escorteganha* | ICOMOS-BR

Prof^a. Dr^a. *Michelle Sales* | EBA/UFRJ

Prof^a. Dr^a. *Mirian Tavares* | Universidade do Algarve - PORTUGAL

Prof^a. Dr^a. *Norma Piazza Cossio* | FADU/UDELAR - URUGUAY

Prof. Dr. *Paulo Cunha* | Universidade da Beira Interior - PORTUGAL

Prof. Dr. *Pedro Maciel* | Instituto de Artes/UNICAMP

Prof^a. Dr^a. *Rosana Prereira de Freitas* | EBA/UFRJ

Prof. Dr. *Rubens de Andrade* | EBA/UFRJ

Prof. Dr. *Vinicios Kabral Ribeiro* | EBA/UFRJ



SUMÁRIO

13	PREFÁCIO DALILA DOS SANTOS CERQUEIRA PINTO
18	APRESENTAÇÃO Rubens de Andrade Michelle Sales Mônica Bahia Schlee
31	ARTE, CIDADE E DECOLONIALIDADE ART, CITY AND DECOLONIALITY ARTE, CIUDADE E DECOLONIALIDAD
32	NOVOS DESCENTRAMENTOS E ENCRUZILHADAS EM RELAÇÃO À ARTE E AO PATRIMÔNIO NAS CIDADES PERIFÉRICAS CONTEMPORÂNEAS: COLONIALIDADE E/OU DECOLONIALIDADE? Monica Lacarrieu
36	PRATICANDO A DECOLONIALIDADE EM MUSEUS Raphael Abdulmajid Ighombo
40	UNA NUEVA MIRADA AL PASADO: EL PROYECTO MURAL DEL HOSPITAL DE HARLEM (1935-2012) Marco Parco Polo Jauárez Cruz
44	GRAFFITI: MANCHA OU MANIFESTAÇÃO INSURGENTE NA PAISAGEM? Mariana Vieira de Brito
48	DESCOLONIZAR O CONHECIMENTO: CONTESTAÇÕES AO PROJECTO COLONIAL Rui Leão
53	CONFERÊNCIA CONFERENCE
54	OBRA E DESAPARECIMENTO: GORDON MATTA-CLARK Pedro Pousada

- 61 **ARTE URBANA E MURALISMO ATRAVÉS DAS MIGRAÇÕES TRANSCULTURAIS | URBAN
ART AND MURALISM THROUGH CROSS-CULTURAL MIGRATIONS | ARTE URBAN Y
MURALISMO A TRAVÉS DE LAS MIGRACIONES TRANSCULTURALES**
- 62 HAZME FIGURAR FRIDA: RESISTENCIA VISUAL INDÍGENA DESDE LA ALDEIA MARACANÃ
Catalina Pérez Meléndez
- 66 BANDEIRA DE MELLO: MURALISTA BRASILEIRO
Marcelo Silveira
- 70 EXTRAMUROS: DEL MURALISMO AL ARTE URBANO. UN ACERCAMIENTO PRELIMINAR
Oscar Molina Palestina
- 75 **ARTICULAÇÕES DECOLONIAIS E A SOBREVIVÊNCIA NA URBE: FABULAÇÕES
ARTÍSTICAS, PERCURSOS POLÍTICOS E TENSÕES PSICOSOCIAIS | DECOLONIAL
ARTICULATIONS AND SURVIVAL IN THE CITY: ARTISTIC FABLES, POLITICAL PATHS
AND PSYCHOSOCIAL TENSIONS | ARTICULACIONES DECOLONIALES Y SUPERVIVENCIA
EN LA CIUDAD: FÁBULAS ARTÍSTICAS, RECORRIDOS POLÍTICOS Y TENSIONES
PSICOSOCIALES**
- 76 O DEBATE DECOLONIAL, O ATIVISMO POLÍTICO E A ARTE URBANA: ARTISTAS, COLETIVOS
E OBRAS
Michelle Sales
- 86 ARTE SITUADA, CIDADE E POÉTICAS-POLÍTICAS DE ESPAÇO EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL
Fernando Gonçalves
- 90 DESEJO DO CORPO E DESENHO DA CIDADE: HABITAR POETICAMENTE A PAISAGEM
URBANA
Ivaldo Gonçalves de Lima
- 93 **COMUNICAÇÕES | PARTICIPANTS | PONENCIAS**
- 94 ESPAÇO EM DISPUTA: APRENDENDO COM O GRAFFITI NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO
Ana Beatriz Bruno da Silveira
- 112 ACERVO DA LAJE: ROTAS PARA CURA(DORIAS) COMO POSSIBILIDADES DE FUTURO
Gustavo Leal | Lara Beatriz Bispo Lôbo | Cíntia Guedes

- 122 BUSCANDO REFÚGIO NAS QUADRAS DAS ESCOLAS DE SAMBA CARIOCAS, PRETENSOS
QUILOMBOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS, PARA SOBREVIVÊNCIA NA URBE
Deise Dias Scandiuizzi
- 128 CONTRA-ATAQUE: MASCULINIDADES EMBUCETADAS EM CAMPO
Taliboy
- 136 ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA: INSURGÊNCIA DE UMA AESTHESIS AMERÍNDIA
Édio Raniere da Silva | Victória Oliveira Bastos
- 142 UMBIGO MÃE: VIDA, MORTE E RENASCIMENTO ATRAVÉS DA ARTE E MEMÓRIA DO
FEMININO
Luciana Nabuco de Oliveira | Lucimara Rett
- 152 A ESCRITA DE SI ANTIRRACISTA COMO FORMA PARA ADIAR O FIM DO MUNDO
Deniza Geny Silva Machado | Michelle Sales
- 158 (RE)LEITURAS DA CIDADE: A PAISAGEM DE OURO PRETO (MG)
Raíssa de Keller e Costa
- 166 POÉTICA DO FOGO AOS MONUMENTOS
Francisco (Chico) Fernandes
- 174 ARTE MURAL URBANA - TRANSFORMAÇÃO ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM
URBANA
Márcia Escorteganha
- 179 **ARTE URBANA E MURALISMO ATRAVÉS DAS MIGRAÇÕES TRANSCULTURAIS | URBAN
ART AND MURALISM THROUGH CROSS-CULTURAL MIGRATIONS | ARTE URBAN Y MU-
RALISMO A TRAVÉS DE LAS MIGRACIONES TRANSCULTURALES**
- 180 AÇÕES ARTÍSTICAS NAS CIDADES PARA DRIBLAR O ESQUECIMENTO – “CADÊ O AMARILDO?”,
“LIBERTEM RAFAEL BRAGA” E “QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?”
Ana Paula Alves Ribeiro
- 183 HIV E VIDA NA PAISAGEM URBANA
Vinícios Kabral Ribeiro
- 184 CINEMA AMBIENTAL DESDE EL SUR
Clementino Luiz de Jesus Junior

189 **COMUNICAÇÕES | PARTICIPANTS | PONENCIAS**

190 SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO... E SEM MÁSCARA: O DESEJO DE FLANAR PELA CIDADE EM TEMPOS DE (PÓS) PANDEMIA

Jorge Eiró

202 COSMOPOÉTICAS DO FIM DO MUNDO – A GUERRA DO CONTESTADO NOS DESENHOS INFANTO-JUVENIS

Rogério Rosa Rodrigues

210 CIDADE EM METAMORFOSE: RESISTIR E MUDAR

Pedro Chavarria Cabral | Jofre Silva

218 NOTAS SOBRE A INDEPENDÊNCIA: AGRIMENSURANDO OS LIMITES QUE NOMEAM UM BAIRRO

Fercho Marquéz-Elul

230 TRANSCULTURALIDADE ESTÉTICA: PERFORMANCE AMAZÔNICA

Dinah Tereza Papi de Guimaraens

240 BRASÍLIA EM 3 TEMPOS: JARDINS, FISSURAS E ARTE URBANA

Aline Stefânia Zim

248 **ÍNDICE**

252 **AGRADECIMENTOS**

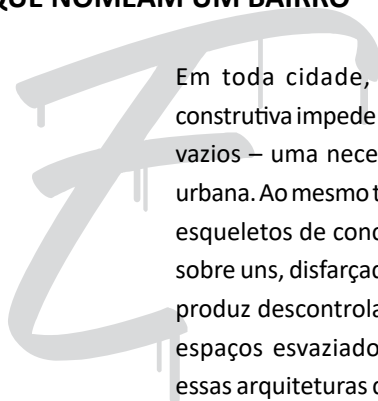
256 **ORGANIZADORES**

FERCHO MARQUÉZ-ELUL | Doutorando em Artes Visuais – PPGAV-UFRGS, Pesquisa de doutoramento intitulada Imagem e moldagem: acidentes, catástrofes, dilaceramentos e fragmentações. Prospecções e agrimensuras investigativas do objeto tridimensional e implementada com bolsa de estudos CNPq, dentro dos projetos de pesquisa As extensões da memória: a experiência artística e outros espaços, orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Ivone dos Santos e Metodologias comparadas: prática, teoria e história da arte, orientador: Prof. Dr. Paulo Silveira no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFRGS. | feruchomaruquesu@gmail.com

NOTAS SOBRE A INDEPENDÊNCIA: AGRIMENSURANDO OS LIMITES QUE NOMEIAM UM BAIRRO

FERCHO MARQUÉZ-ELUL

NOTAS SOBRE A INDEPENDÊNCIA: AGRIMENSURANDO OS LIMITES QUE NOMEIAM UM BAIRRO



Em toda cidade, o ímpeto da ganância construtiva impede a permanência de lugares vazios – uma necessidade vital para a vida urbana. Ao mesmo tempo, o próprio motor de esqueletos de concreto, empilhados outros sobre uns, disfarçados de gramática estilosa, produz descontroladamente esses mesmos espaços esvaziados. Estacionamentos são essas arquiteturas que pecam pela falta, que se constroem em um só bloco invisível, no qual somente os carros têm vez. No centro do bairro há essa estrutura vazia, fortemente armada de ar, de céu, onde o que rareia em elementos, instaura justamente um edifício invisível aéreo cujo topo ou pico mais alto desse arranha-céu particular termina,

justamente na superfície do chão. Estacionamentos são, no fim, arranha-chãos e isso é tão claro para mim.

*

O suicídio é como se você saísse de fininho de uma festa, meio desconfortável, sem jeito de *prendre-congé*, de dar tchau para cada pessoa presente, naquele monte de gente que só quer sempre repetir:

“— mas por quê?”

“— mas já?”

“— mas tão cedo?”

E ao, assim fazê-lo, o holofote do canhão de luz que deveria iluminar o púlpito vazio, no palco vazio, lhe flagra, pondo-lhe em cena, no seu simples gesto último de desejar ir embora sem passar percebido.

*

A cidade, pela manhã, se reergue mais um dia para cair mais tarde.

*

Na esquina da rua, ele passou por mim e me devorou. Segui adiante por alguns passos. Desejo retornar ao mesmo ponto para ser devorado uma infinidade de vezes. Estar no aberto, saber ser presa e desejar que o predador deixe um pedacinho que resta de mim sobrando. No outro dia, quando ele absorvia o sol em suas costas, as pernas de ambos entremeadas como o início do desenho de um tapete, misteriosamente meu coração caiu do meu pescoço.

*

“

Há madrugadas
que um coração partido
é a única cama possível
sobre a qual dormir

”

Um dia após o lançamento do livro de poesias, ninguém ligou para o autor perguntando se tinha acontecido algo de errado por causa do teor lido no poema ou chamado a polícia, os bombeiros, a Defesa Civil, quem seja!, na tentativa de evitar supostamente um hipotético suicídio.

“— O corte era apenas poético.”

Dias depois, já dado como morto, o autor panfletou no bairro:

“—Não passa nada comigo. Eu estou bem. Eu não tenho nada, o poema têm.”

*

Os limites que nomeiam um bairro.

INTRODUÇÃO À INDEPENDÊNCIA¹

Em uma inflexão aos espaços domésticos, imposta pela covid-19 a partir de 2022, minha pesquisa passa a investigar a imagem e a escrita de artista dentro de certas condições como procedimento de produção, adentro na investigação do contexto espacial em que esta é implementada. Durante minha estadia em São Paulo, desafiei minha escrita à constrição da brevidade e exiguidade do haicai. Atualmente, inquieta-me refletir sobre o bairro em que resido. Partindo do molde da escultura, passando pela reflexão da publicação e do livro como

¹ A todo momento estou reenviando a Independência – bairro – à Independência – efeméride brasileira que completa o bicentenário em 2022, onde o bairro se torna metáfora, alegoria ou comentário das situações permanentes de incompletudes de direitos e avanços sociais e igualitários da República Brasileira.

uma maneira outra de fazer o trabalho circular no espaço de reflexão do público, desemboco finalmente no Bairro Independência², situado na região central de Porto Alegre – RS.

Intitulado *Notas sobre a Independência*, através de caminhadas por este território pouco refletido pela pesquisa arquitetônica e urbanística (Il. 1) – outros bairros chamam mais atenção por seus aspectos de especulação imobiliária (como o Bairro Floresta), culturais (Bom Fim), históricos (Centro Histórico), de concentração de renda (Moinhos de Vento) – permanecendo uma posição de conhecimento subalternizado acerca das dinâmicas invisibilizadas da Independência quando comparadas ao seu entorno e efeitos de sua participação

² Nesta investigação em andamento, prospectei no perímetro deste bairro, em situações distintas, a presença de certos estilos arquitetônicos como característica local e de que maneira seus elementos estilísticos contidos estabelecem uma relação discursiva com o bairro. Em *Notas sobre a Independência*: ruínas, breves escritos sobre um edifício clássico em ruínas: “incrustad[o] na esquina, a ribanceira do bairro, proa de barco arquitetônica que desenvolve uma ruína. O teto desabou em sótão, as paredes se descascaram em lâminas empoeiradas, a escadaria que faz conversar o térreo com o andar, abandonada, muda e disfuncional força o céu azul querer descer ao chão”, um estacionamento: “são essas arquiteturas que pecam pela falta, que se constroem em um só bloco invisível, no qual somente os carros têm vez. No centro do bairro há essa estrutura vazia, fortemente armada de ar, de céu, onde o que rareia em elementos, instaura justamente um edifício invisível aéreo cujo topo ou pico mais alto desse arranha-céu particular termina, justamente na superfície do chão” e um viaduto que delimita a oeste o bairro: *a depender da época do ano, o sol ao fim do dia desce, dispondo exatamente de frente para a rua onde convivem eu e um pontilhão. Sua luz ilumina toda a longa extensão da rua, exceto a parte inferior do viaduto. Em cima, o ritmo incessante de carros carrega a pressa de carregar pessoas transformadas em tempo* (MARQUÉZ-ELUL, 2022) se articulam com fotografias desses espaços. Em *Notas sobre a Independência: arte déco, prospecto pelo bairro*, edifícios em estilo déco, fotografando-os para serem postos em relação a breves notas poéticas sobre a arte déco a partir de minha experiência corpo a corpo com prédios desse estilo em Porto Alegre: “à primeira vista, a arte déco nos intimida pela concepção completa de agigantamento da arquitetura. A arte déco nos põe em nosso devido lugar, ao deixar-nos corporalmente conscientes de que a criação se assoberba das criaturas. [...] O estilo em questão empacota as superfícies externas das obras e reveste unipresentemente seu interior. Proporciona com isso que um navio seja um prédio, que um prédio seja uma torradeira, que uma torradeira seja um carro, que um carro seja um cinzeiro” e em minha cidade natal: *inquietava-me, à medida que o sol imperante iluminava as platibandas com elementos decorativos característicos e as paredes brancas entre caiadas e pintadas, a simplicidade e síntese profunda do requinte do estilo em prol de uma singeleza prática e econômica dos edifícios em Huracay* (MARQUÉZ-ELUL, 2022). Em todas essas situações, creio que tais prospecções buscam identificar, compreender e expor qualquer gramática subjacente desses elementos arquitetônicos – âmbito linguístico que muito me interessa – cujo processo de pesquisa passa a ser compreendido como o de uma alfabetização de certa comunicação supostamente existente, com a presença bem-vinda do que é compreensível e formalizável, como também, do tanto de não-saber e de incompreensão ali impregnados.



Il. 1: Fercho Marquéz-Elul. *Dependências*, 2022. Área de cor
Fonte: Acervo do Artista.

na construção da paisagem de imaginário urbano de Porto Alegre. Para além de caracterizar, capturar elementos e oferecer claros entendimentos, desvio do arroubo especializante e *me* lanço através de deslocamentos prospectivos pelas mesmas ruas, avenidas, praças, escadas pelos quais atravesso, sempre olhando e sentindo com todo o corpo suas dinâmicas visuais e paisagísticas, suas alterações barométricas e atmosféricas, suas discontinuidades de altitude e topográficas, recolhendo breves notas de caráter ficcional (epigrafadas acima), registro fotográficos e peças gráficas sobre a economia dos afetos, da paisagem, da arquitetura e seus estilos, da irracionalidade urbanística, da deterioração crítica social em curso.

AGRIMENSURAS NOS LIMITES DE UM TERRITÓRIO DEPENDENTE

A Independência é tão unida à trama urbana que esta a oblitera, passa a ter seus limites percorridos, visitados, refletidos. São por seus limites – tão pouco demarcados – que compreenderemos a intrusão das características dos bairros adjacentes e também a repulsa por elementos forasteiros a essa parcela territorial sem característica racionalmente distinta

das demais. Traço caminhadas por seus limites, aos quais detenho minha atenção ao lado oposto da rua que delimita o bairro. Para a Independência, suas bordas são invisíveis aos olhos apressados. É preciso olhar para a irracionalidade do que é a rua do outro lado refletindo o que a Independência realmente é por si mesma. Encaixada entre grandes vias de circulação urbana, é recortada pela via que lhe nomeia, que fatia qualquer totalidade à captura. Corrobora-se para a invisibilidade da Independência sua posição geográfica e topográfica: encostada no dorso do Morro da Praia, o conjunto de aparelhos urbanísticos ligam as zonas mais baixas ao topo, em que esta alteração completa e rápida das categorias alto e baixo, permite a perda de vista do bairro em nossa atenção.

A Elevada da Conceição tampa o horizonte dos caminhantes; na ascendência ao morro, o viaduto oculta a rua como depressão divisora entre os bairros. A Independência diz mais de suas bordas do que seu centro. Toma característica do vizinho para se constituir em bairro. Essa sutileza identitária apenas é percebida através dos elementos mais cotidianos e ordinários em seu redor. Por melhor compreender o que passa inaparente a nossa percepção, aporta-se o conceito de *infra-ordinário* de Georges Perec, quando é através do banal que repercute um profundo entendimento dos fenômenos de nossas vidas. *Interrogar o habitual. Mas justamente, ao que estamos acostumados* (PEREC, 1989, p. 11, tradução minha). O autor complementa ao dedicar um capítulo para o verbete bairro, conceituando-o como

uma porção da cidade na qual alguém se desloca facilmente a pé ou, para dizer de maneira cômica, a parte de cidade à qual não tem porque se deslocar, já que precisamente já estamos nela. [...] O bairro é também a porção de cidade em que não se trabalha, bairro se chama aquele lugar onde se vive e não onde se trabalha e os lugares de residência e os lugares de trabalho não coincidem quase nunca: isso é também uma evidência, mas suas consequências são inumeráveis (PEREC, 2001, p. 93).

Cumprido, portanto, o processo de averiguação não o coração do bairro, mas as suas zonas limítrofes, limiar que diferencia profundamente um bairro do outro, senão pelo *nomear*. Investigar com a cegueira dos pés calçados, para que outra geografia e referencial se revelem. *Continuar/Até que o lugar se torne improvável/até ter a impressão, durante um brevíssimo instante, de estar em uma cidade estrangeira ou melhor ainda, até não entender mais o que acontece e o que não acontece, que o lugar se converta em um lugar estrangeiro* (PEREC, 2001, p. 88, tradução minha). Eduardo Veras, pesquisador, juntamente com o artista gaúcho Marco Antonio Filho, percorreu a linha de fronteira do Rio Grande do Sul com os países vizinhos, afirma que

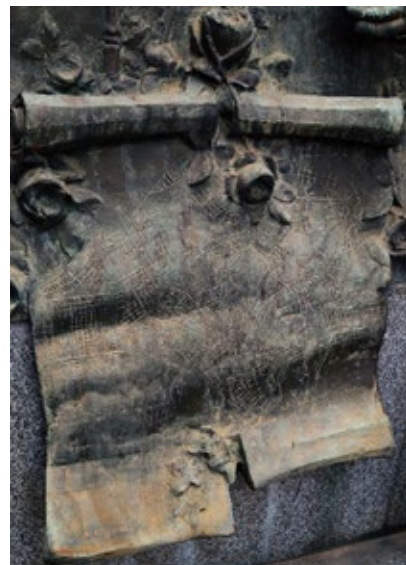
A ideia de fronteira, qualquer fronteira, carrega algo de nebuloso. A fronteira é o espaço – quase sempre periférico, pouco habitado, inóspito – que assinala tanto os limites quanto as porosidades entre os países. Preserva a memória das grandes disputas territoriais, das desconfianças e também das negociações diplomáticas. Ao mesmo tempo, serve de cenário para as pequenas contravenções do dia a dia, as resistências miúdas contra aquilo que vai lavrado no papel (VERAS, 2014, p. 1).

Esse conhecer e esse estranhar-se, o limite, a divisa e a fronteira os articulam na acurada agrimensura terrestre, por vezes, através da deslocalização dos referenciais, podendo o rotineiro deslindar sua verdadeira intimidade, como as placas produzidas por Valdir Dutra da Silva (Il. 2a e 2b), habitante em situação de rua na avenida Alberto Bins, onde nos limites do bairro, oferece aos caminantes um conjunto de numerações de linhas de ônibus, telefones, documentos de identidade, *coordenadas* que dão em lugar nenhum, decretadas à cidade. Coaduna a essa deslocalização do que é um território e outro, novas geografias e cartografias experimentadas nesse contato de constante reapropriação inventiva da malha urbana imposta pelo projeto urbanístico, como o *mapa da cidade* de Porto Alegre, presente no túmulo de Otávio

Rocha traçado a partir do mundo dos sonhos dos mortos (Il. 3) e na qual a Independência adquire um traçado como bairro incógnito e recôndito.



Il. 2a e 2b: Valdir Dutra da Silva. *Decretos (para a cidade)*, 28 de abril de 2018. Placas inscritas entre a avenida Alberto Bins & rua da Conceição Bairro Independência, Porto Alegre – RS.
Fonte: Fotografia: Fercho Marquéz-Elul. Acervo do Artista.



Il. 3: Fercho Marquéz-Elul. *Mapa da cidade*, 2022. Fotografia de pergaminho da cidade de Porto Alegre – RS, fragmento em galvano-bronze do túmulo de Otávio Francisco da Rocha no Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, confeccionado na Casa Aloys, dirigida por André Arjonas.
Fonte: Acervo do artista.

NOTAS E REGISTROS FINAIS – EXCAVANDO O IMAGINÁRIO CARTOGRÁFICO

As prospekções constantes pela Independência, me instigou a produzir textos breves, registros fotográficos que captaram a própria linguagem escrita daquilo que não pode verdadeiramente falar, como placas de trânsito indicando a enunciando o bairro (Il. 4) ou o pedido por emprego confeccionado à mão em placas (Il. 5). Atento aos detalhes mais



Il. 4: Fercho Marquéz-Elul. *Placas Independência*, 2022. Fotografia
Fonte: Acervo do artista.

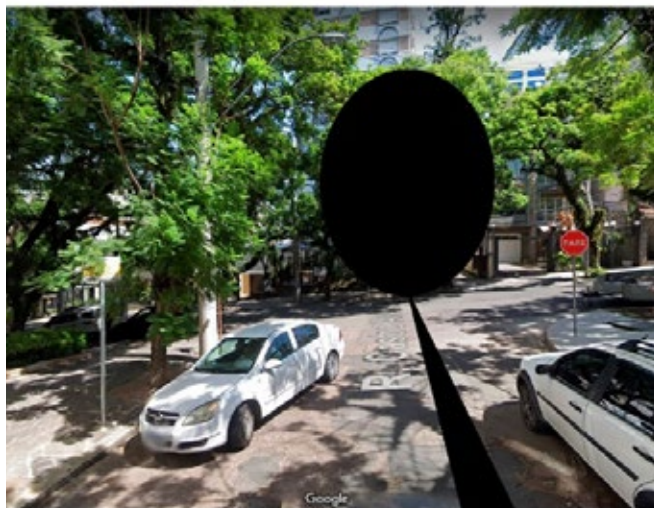
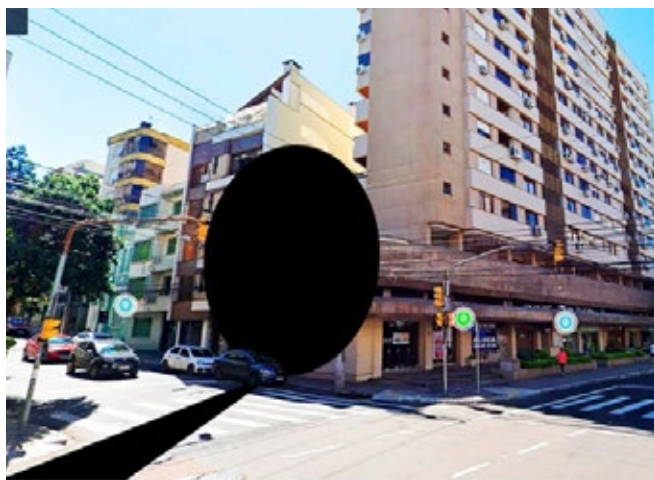


Il. 5: Fercho Marquéz-Elul. *Mão de obra à mão*, 2020-2022. Fotografia.
Fonte: Acervo do artista.

envergonhados, acolhendo essa *escrita de lugar* na *escrita de artista*, instâncias que co-incidentem, se escrevo sobre o que descubro, ou me tem escrita a fala do lugar em placas, sinalizações, também intervenho *inscrevendo* intervenções poéticas no imaginário geográfico do bairro em que vivo.

Partindo da existência de um traçado de uma linha imaginária cortando prédios e quarteirões inteiros, totalmente sem racionalidade, insiro em imagens apropriadas do Google Maps (Il..6) a escavação para abertura de túnel que ligaria subterrânea e fisicamente o traçado dos limites entre a Independência e o Bom Fim. Ecoa-me: *um trem esconde um outro trem/ uma linha esconde outra linha/ mas esconder a vida era complexo* (GARCIA, 2012, p. 23). Sobrepondo formas geométricas obliterantes sobre a própria paisagem urbana em fotografia, tal experimento estabelece um diálogo com a ação radical de cortes de na arquitetura de Gordon Matta-Clark em *Conical Intersect* de 1975 e com o ficcional no escrito de Tunga *Xipófagas capilares entre nós*, quando o artista narra: *fiz a montagem de tal modo, que o*

resultado final era a imagem de um túnel sem começo nem fim (TUNGA, 1997, p. 1), em cuja história sucedem-se inexplicáveis e misteriosos acontecimentos. Aqui proponho a perseguição por esta linha invisível e imaginária que nos separa arbitrariamente produzindo pertença e orfanalidade, realidade e imaginário, bairro e cidade, interior e borda, alto e baixo.



Il. 6: Fercho Marquéz-Elul. *Estação-de-Chanfro – Estação-de-Chofre*, 2022. Aberturas do túnel dos limites em linha reta e imaginária da Independência com o Bom Fim – Porto Alegre – RS, Brasil. Início da entrada pela abertura, obliquamente, na esquina da face par da rua Dr. Barros Cassal com a rua Irmão José Otão e saída pela abertura na face ímpar da rua Fernandes Dias na qual finaliza, abruptamente, a rua Castro Alves. Túnel que compõe o trecho da futura Linha Preta- Morro da Praia, da empresa estatal TRENSURB, para deslocamentos por caminhada, iniciando na Estação Morro da Praia-Gasômetro, no bairro Centro Histórico e finalizando na Estação Morro da Praia-Escadaria do Ricaldone, no bairro Moinhos de Vento. Empresa responsável: Dorso Morro da Praia S.A. Fonte: Acervo do artista.

REFERÊNCIAS

FILHO, Marco Antonio; VERAS, Eduardo. *Viagem pela linha invisível*. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2014.

GARCIA, Marília. *Engano geográfico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

PEREC, Georges. *Especies de espacios*. Trad. Jesús Camarero. Barcelona: Montesinos, 2001.

_____. *L'inframince*. Paris: Seuil, 1989.

TUNGA. *Barroco de lírios*. São Paulo: Cosac Naify, 1997.



eba ESCOLA DE
BELAS ARTES

PAISAGENS
HÍBRIDAS

eba
MEDIA
LAB